

Ano 12, Vol XXII, Número 1, Jan-Jun, 2019, p. 355-365.

A REGIÃO INSULAR DE ANANINDEUA: TOPÔNIMOS E SUAS MOTIVAÇÕES

Karla Juliana da Silva Oliveira
Carmen Lúcia Reis Rodrigues

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo principal analisar os topônimos da região insular de Ananindeua, no Estado do Pará, e suas respectivas motivações, à luz da Onomástica pensada principalmente por Dick (1990a, 1990b e 1975). Para tanto, considerou-se, dentre as quatorze ilhas da região metropolitana de Belém, apenas nove, pertencentes ao município de Ananindeua, a saber: ilha de Viçosa, ilha de João Pilatos, ilha de Santa Rosa, ilha de Guajarina, ilha de Sassunema, ilha de Sororoca, ilha de São José de Sororoca, ilha do Arauari e ilha do Mutá. Essas ilhas ficam ao norte do município supracitado e são quase todas habitadas. Possuem sete comunidades, diversos rios e igarapés, os quais também são objetos desta pesquisa. As ilhas foram habitadas inicialmente por povos indígenas e atualmente pela sétima geração da família do senhor Manoel Nazareno, um dos interlocutores da pesquisa. Em cada uma dessas ilhas buscou-se entrevistar sujeitos, estratificados segundo idade (+ de 50 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (não escolarizados ou escolarizados até a 8ª série e escolarizados a partir do 1º ano do ensino médio). A coleta de dados foi realizada, primeiramente, por meio documental (mapas, artigos, periódicos) e posteriormente, *in loco*, por meio da gravação de narrativas contadas pelos entrevistados, sobre a história do lugar, a história dos nomes e suas causas denominativas. Esta pesquisa tende a constituir uma continuidade da investigação científica no âmbito dos estudos onomásticos, e a análise de seus dados nos permitiram identificar, dentre os topônimos, nomes de origem Portuguesa e de origem Tupí.

Palavras-chave: Topônimos. Região Insular de Ananindeua. Motivação Toponímica.

ABSTRACT: The present study has as main objective to analyze the toponyms of the insular region of Ananindeua, in the state of Pará, and their respective motivations, in the light of Onomastics thought mainly by Dick (1990a, 1990b and 1975). In order to do so, nine out of the fourteen islands of the metropolitan area of Belém were considered as belonging to the municipality of Ananindeua, namely: Viçosa Island, João Pilatos Island, Santa Rosa Island, Guajarina Island, Sassunema Island, Sororoca Island, São José de Sororoca Island, Arauari Island and Mutá Island. These islands are to the north of the municipality above and are almost all inhabited. They have seven communities, several rivers and streams, which are also objects of this research. The islands were initially inhabited by indigenous peoples and currently by the seventh generation of the family of Senhor Manoel Nazareno, one of the interlocutors of the research. In each of these islands, we tried to interview subjects, stratified by age (+ 50 years), sex (male and female) and schooling (not schooled or schooled until the 8th grade and schooled from the 1st year of high school). Data collection was first performed through documents (maps, articles, periodicals) and later, *in loco*, through the recording of narratives told by the interviewees, about the history of the place, the history of the names and their word causes. This research tends to constitute a continuity of scientific research in the context of onomastic studies, and the analysis of its data allowed us to identify, among the toponyms, names of Portuguese origin and Tupí origin.

Keywords: Toponyms. Insular Region of Ananindeua. Toponymic Motivation.

INTRODUÇÃO

O topônimo é um termo da atividade de nomeação e pode ser analisado sob o olhar da Onomástica, um dos campos de estudo da Linguística. A Onomástica busca entender o processo de nomeação e as informações referentes à língua, pois cada língua existe em função das necessidades sociais de designar ou nomear a realidade. Para Biderman (2001), “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento de mundo”.

Estudar o nome de um determinado lugar é uma das formas que se tem de observar a preservação dos valores culturais e ideológicos daquela comunidade geográfica. E é por meio de uma das vertentes da Onomástica, a Toponímia – ciência que estuda os nomes próprios de lugar –, que tal descoberta se torna possível.

Parte-se do princípio de que o nome de lugar é também uma manifestação cultural, pois nele estão substanciados valores, crenças, projetos de vida, além da impressão que a natureza evoca no denominador. Como a história das palavras acompanha a saga histórica do homem, são transplantadas por ele e utilizadas para identificação de novos referentes, incluindo os lugares (...) (ISQUERDO, 2012, p. 82)

Assim, neste trabalho, busca-se descrever os topônimos que nomeiam as ilhas de Ananindeua (Pará)¹, procurando identificar sua etimologia, a fim de se investigar sua motivação, e, conseqüentemente, agrupa-los taxonomicamente segundo a classificação de Dick (1990). A autora propõe que os topônimos sejam agrupados em Taxeonomias de Natureza Física (geomorfotopônimo, litotopônimo, fitotopônimo, zootopônimo, astrotopônimo, cardinotopônimo, cromotopônimo, dimensiotopônimo, geofortotopônimo, hidrotopônimo, igneotopônimo, meteorotopônimo, morfotopônimo) ou em Taxeonomias de Natureza Antropocultural (animotopônimo, antropotopônimo, axiotopônimo, corotopônimo, cronotopônimo, dirrematotopônimo, ecotopônimo, ergotopônimo, etnotopônimo, hierotopônimo, hagiotopônimo, mitotopônimo, historiotopônimo, hodotopônimo, numerotopônimo, poliotopônimos, sociotopônimo, somatopônimo). A sistematização dos dados em taxonomias é justificada por relações icônicas e simbólicas, pois para Dick (1990), o topônimo representa uma projeção aproximativa do real.

¹ Este estudo é um recorte do Projeto de Dissertação de Mestrado que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA)/ UFPA – Campus de Bragança, sob a orientação da Professora Carmen Rodrigues.

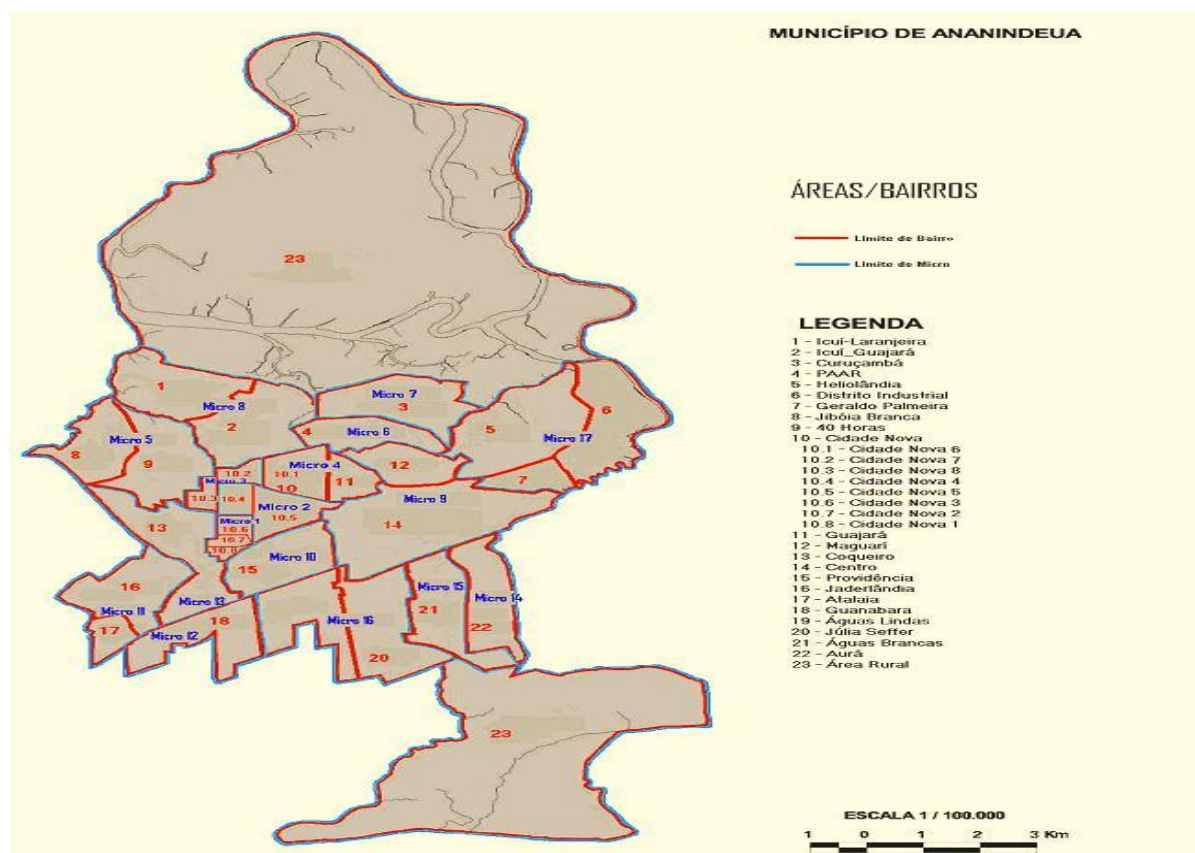
1 O MUNICÍPIO DE ANANINDEUA

Localizado no nordeste paraense, Ananindeua é constituído de uma parte continental, ao sul, onde está situada a Sede Municipal e uma parte insular, ao norte, formada por igarapés e ilhas. O município ocupava uma área de 191,4 km², porém, como a localidade de São José passou a pertencer à cidade de Marituba, a área reduziu para 177,42km². Sua área insular é composta por 9 ilhas, com algumas áreas de uso intenso, outras de baixa exploração por parte dos ribeirinhos, cujo estudo na perspectiva da toponímia traduz culturas em seu momento de formação sobretudo pela presença de sociedades indígenas que as formaram, falantes do tupí antigo.

Segundo Mendes (2003), a comunidade mais antiga de Ananindeua é a Colônia Agrícola do Abacatal, situada a oito quilômetros da Sede do Município. Desde 1790, a comunidade do Abacatal está sediada em Ananindeua, e se originou de um engenho de cana-de-açúcar de propriedade do Conde Antônio Koma de Melo, às margens do Rio Guamá, com uma área de terra de aproximadamente 2.100 ha, sendo que, em 1999, a área de terra que pertence à Comunidade do Abacatal estava reduzida a 308 ha 19 a 91 ca (trezentos e oito hectares, dezenove ares e um centiares). A Colônia Agrícola do Abacatal é uma área de remanescentes dos Quilombos e foi um local onde os escravos se refugiavam na época da escravidão do Brasil.

O processo de colonização do município de Ananindeua ocorreu por volta de 1850, com os ribeirinhos e caboclos que se estabeleceram no Maguary – núcleo urbano mais antigo de Ananindeua –, nas áreas do Distrito Industrial e do Mocajutuba, na época do Movimento Revolucionário da Cabanagem, oriundos de várias localidades do Pará. A inauguração, em 1884, do primeiro trecho entre Belém e Benevides, com a criação de uma “parada”, estação de embarque e desembarque de passageiros de trem da extinta Estrada de Ferro de Bragança, foi de extrema importância para o desenvolvimento do Município, o que facilitou a colonização por retirantes nordestinos em busca de oportunidades de trabalho nos engenhos, resultando no povoamento da atual sede de Ananindeua e dos arredores circunvizinhos.

O mapa I, a seguir, mostra o município de Ananindeua



Fonte: <http://mucareis.blogspot.com/p/historia-do-municipio-de-ananindeua.html>

A partir de 1890, o povoamento se estendeu a outras áreas da região, foi então que surgiu a necessidade de fundar uma escola, em prol do tão almejado progresso. Em 1900, a primeira escola de Ananindeua foi fundada por José Marcelino de Oliveira, que se estabeleceu na localidade depois de vir do município do Acará. Na “Quinta Carmita”, nome dado à instituição de ensino, a formação era cristã, de idiomas, música, canto, pintura e pirogravura. A escola era direcionada para alunos das famílias tradicionais do Município e da cidade de Belém. Em 1921, o terreno da escola foi transformado em uma granja, de nome Maguari onde havia a criação de galinhas, a comercialização do leite e da primeira marca de água mineral do Estado: a água Maguari, extraída da fonte existente no terreno.

Logo as mudanças reformatórias atingiram o Pará, e seguindo a tendência brasileira de desenvolvimento e progresso sentiu-se a necessidade de emancipação. De 1938 a 1943, Ananindeua passou a ser Distrito do Município de Santa Isabel, mas por

força do Decreto-Lei Nº 4.505, em 30 de dezembro de 1943, foi instituído o Município de Ananindeua, tendo como primeiro prefeito o Sr. Claudomiro Belém de Nazaré, em 3 de janeiro de 1944.

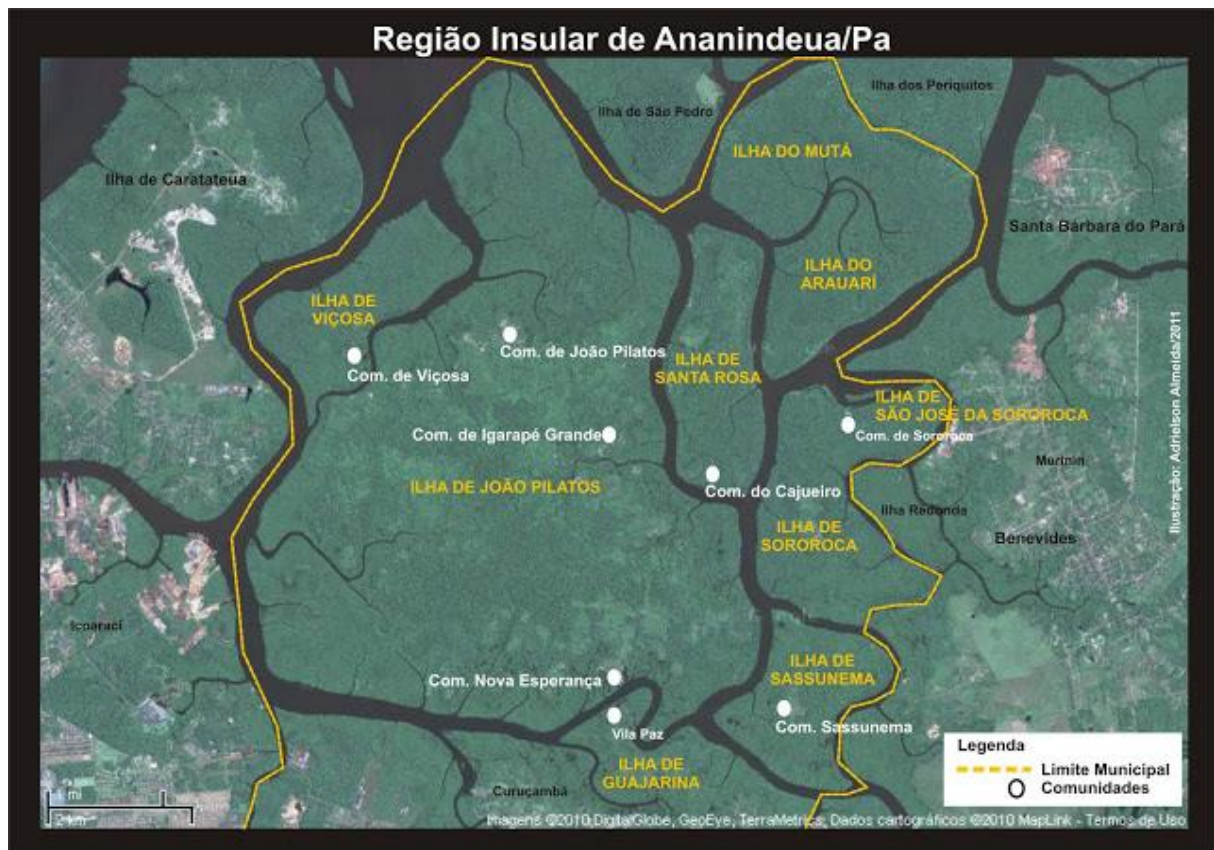
Com base na malha viária do município, destacamos a BR 316, que o liga a Belém e a outros municípios do Estado; a BR 010, ligando-o ao Nordeste brasileiro; a Rodovia Mário Covas que dá acesso ao Distrito de Icoaraci; e o Porto do Curuçambá, um ponto de ligação entre a região insular de Ananindeua e o bairro do Curuçambá.

2 ILHAS DE ANANINDEUA

A região insular de Ananindeua é composta por nove ilhas, a saber: ilha de Viçosa, ilha de João Pilatos, ilha de Santa Rosa, ilha de Guajarina (Jarina), ilha de Sassunema, ilha de Sororoca, ilha de São José de Sororoca, ilha do Arauari e ilha do Mutá (Mutum). Essas ilhas, juntamente com as ilhas de Outeiro, São Pedro e Mosqueiro, sob a jurisdição de Belém, bem como a ilha dos Periquitos e a ilha Redonda, pertencentes, respectivamente, aos municípios de Santa Bárbara e de Benevides, formam a região insular da Região Metropolitana de Belém.

Destacamos para este trabalho a narrativa oral de um interlocutor da pesquisa, um sujeito membro da quarta geração de posseiros da Ilha de João Pilatos, o Sr. Manoel de Nazareno Souza Farias, de setenta e seis anos de idade, neto do proprietário do Sítio “Paraíso”, onde se localiza a Escola Domiciano de Farias. Em entrevista, mencionou que já morou em todas as ilhas, pois saía para pescar e caçar na região insular.

O mapa II, a seguir, mostra a localização geográfica das ilhas de Ananindeua.



Fonte:

http://www.ananindeua.pa.gov.br/diario/public/diariopdf/2013_DIARIO_DEZEMBRO_27.pdf

As comunidades das ilhas têm um acordo de não construir em área de várzea, por esse motivo todas as casas são construídas em terra firme. Essa restrição tem a finalidade de preservar a vegetação e as águas, mantendo assim a atividade pesqueira sem grandes prejuízos. Existe também uma preocupação com relação ao risco do aumento desordenado da população na ilha de João Pilatos, sobretudo por veranistas, atraídos pela chegada da energia elétrica, em 2010. Assim, pessoas de fora só passam a habitar na ilha quando se casam com moradores locais. Essa preocupação dos moradores das ilhas de Ananindeua em relação ao crescimento da população local pode ser justificada na afirmação de Morin:

(...) começamos a perceber que pode haver dissociação entre quantidade de bens, de produtos, por exemplo, e qualidade de vida; vemos, igualmente, que, a partir de certo limiar, o crescimento pode produzir mais prejuízos do que bem-estar e que os subprodutos tendem a tornar-se os produtos principais. Portanto, a palavra progresso não é tão clara quanto parece. (MORIN, 2005, p. 95)

Embora a ilha de João Pilatos seja a maior em extensão territorial, medindo uma área de 3.855 ha (Incrá, 2011), há também essa preocupação com o crescimento desordenado das comunidades locais.

3 DADOS OBSERVADOS

O estudo toponímico revela características específicas de uma região no momento da sua nomeação. Essas características, em muitos casos, foram modificadas pelo tempo e só poderão ser observadas por meio do estudo dos nomes.

A pesquisa nas ilhas de Ananindeua possibilitou perceber que o nome Ananindeua, por exemplo, é de origem tupí, cuja motivação justifica-se pela grande quantidade de árvore existente na localidade denominada de *anani*, uma árvore que produz a resina de cerol utilizada para lacrar as fendas das embarcações, o que hoje já não é possível perceber por não ter mais essa característica.

A fim de ilustrar a toponímia de Ananindeua, apresenta-se, abaixo, um quadro com os designativos usados para nomear as ilhas do município, seguidos de sua etimologia, de sua classificação taxonômica e de sua origem.

TOPÔNIMO	ETIMOLOGIA	TAXEONOMIA NF (natureza física) e NA (natureza antropocultural)	ORIGEM
Ilha de Arauarí (Tauari)	<ul style="list-style-type: none"> Arauarí. Ornitologia: nome de uma arara vermelha, da família dos psitacídeos. (CARVALHO, 1987, p 37) 	Zootopônimo (topônimos relativos a animais) (NF)	Tupí
Ilha de Sororoca	<ul style="list-style-type: none"> Sororoca <i>s.f.</i> [<i><</i> T. <i>soro'roka~VLB I 69: Caulinhas ou sardas = Çororoca. Ib. II.113: Sarda, certo peixe = Çororoca</i>] Peixe da família dos tunídeos. (CUNHA, 1998, p. 264) 		Tupí

<p>Ilha de Guajarina/Jarina</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Jarina: palmeira da Amazônia, da super família dos fitelefantoideas (GREGÓRIO, 1980, p. 474) 	<p>Fitotopônimo (topônimos relativos a vegetais) (NA)</p>	<p>Tupí</p>
<p>Ilha de São José de Sororoca</p>	<ul style="list-style-type: none"> • São: cf. Santo: <i>adj. sm.</i> ‘sagrado’, ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’, (...). Do lat. <i>sanctus</i> -a -um (CUNHA, 2010, p. 580). • José [hebraico losseph, Iehussef]: “ ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente” (Gênese, 30:24) (GUÉRIOS, 1993, p. 135). • Sororoca <i>s.f.</i> [< T. soro’roka~VLB I 69: <i>Causalinhas ou sardas</i> = Çororoca. <i>Ib.</i> II.113: <i>Sarda, certo peixe</i> = Çororoca] Peixe da família dos tunídeos. (CUNHA, 1998, p. 264) 	<p>Hagiotopônimo (topônimos relativos a nomes de santos do hagiológico cristão) (NA)</p>	<p>Portuguesa/Tupí</p>
<p>Ilha de Santa Rosa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Santo <i>adj. sm.</i> ‘sagrado’ ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’, (...) (CUNHA, 2010, p.580) • Rosa <i>sf.</i> ‘a flor da roseira’ XIII. (CUNHA, 2010, p.569) • Rosa 1º lat. rosa. (GUÉRIOS, 1973, p.189) 		<p>Portuguesa</p>
<p>Ilha de Sassunema</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sassunema Saçu [...]. No caso de ser obliteração de ça-cy, designa o ‘colibri’, o ‘beija-flor’, dizendo-se também de um duende da mitologia brasilíndica. (SILVA, 1966, p. 290). Panema: ruim, aziago, inútil, imprestável, infeliz, sem sorte, atoleimado; [...] (A. Mendes-153) (GREGÓRIO, 1980, p. 1003). 	<p>Mitotopônimo (topônimos relativos a entidades mitológicas) (NA)</p>	<p>Tupí</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • João, hebr. lehohanan, lohanan: “Javé (leho) é (cheio) de graças (hanan)”. 	<p>Antropotopônimo</p>	

Ilha de João Pilatos	<p>Ou “Javé é misericordioso”. (GUÉRIOS, 1973, p.135).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pilatos, lat. Pilatus: “(o armado com) dardo”. Cp. lat. Pilum: “dardo”. Menos provável de Pileatus, deriv. de pileus, “chapéu, barrete dos escravos libertos”. (GUÉRIOS, 1973, p.178). 	(topônimos relativos aos nomes próprios individuais) (NA)	Portuguesa
Ilha de Viçosa	<ul style="list-style-type: none"> • viçoso adj. Que tem viço. <i>Fig.</i> Tenro. Inexperiente: <i>idade viçosa</i>. * <i>Bras. do N.</i> Que tem o vício de comer terra. (FIGUEIREDO, 1913, p.2084) 	Animotopônimos (topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual) (NA)	Portuguesa
Ilha de Mutá	<ul style="list-style-type: none"> • Mutá s.m. Var. :8-9 <i>mutá</i>, 9<i>mutans</i> (pl.) [< T. mĩ'ta~ VLB I. 35: <i>Andaimo no mato para esperar a cassa</i> = Migta. Migtajurá. Tocai ibatê]. (CUNHA, 1998, p. 217) 	Ergotopônimo (topônimos relativos aos elementos da cultura material) (NA)	Tupí

Muito além da identificação dos lugares, a classificação taxonômica dos topônimos possibilita a identificação dos aspectos físicos e antropoculturais das ilhas de Ananindeua em seu momento de nomeação. De acordo com a etimologia dos nove topônimos, foram identificadas duas taxes de natureza física – zootopônimo (Ilha de Arauari (Tauari) e Ilha de Sororoca) e fitotopônimo (Ilha de Guajarina/ Jarina) – e cinco de natureza antropocultural – hagiotopônimo (Ilha de São José de Sororoca e Ilha de Santa Rosa), mitotopônimo (Ilha de Sassunema), antropotopônimo (Ilha de João Pilatos), animotopônimo (Ilha de Viçosa) e ergotopônimo (Ilha de Mutá). No que concerne à origem do nome, observou-se que cinco são de origem tupí, três são de origem portuguesa e um de procedência portuguesa/tupí. Conforme a classificação taxonômica dos topônimos, nota-se que as taxes de natureza física identificadas caracterizam somente nomes de origem Tupí e as taxes de natureza antropocultural caracterizam todos os topônimos de origem portuguesa e somente dois de origem totalmente Tupí.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar os topônimos da região insular e suas respectivas motivações, à luz da Onomástica pensada, principalmente, por Dick (1990a, 1990b, 1975), foi o objetivo dessa discussão acerca da nomeação das ilhas de Ananindeua do Estado do Pará.

Para tanto, foram analisados e descritos o caráter etimológico dos nove topônimos que nomeiam as nove ilhas de Ananindeua, classificando-os taxonomicamente, de acordo com as taxes propostas por Dick. Por meio de um viés linguístico, embora o estudo apresentado ainda seja de caráter introdutório, buscou-se compreender os nomes das ilhas de Ananindeua a partir da observação etimológica e das classificações.

Esse estudo refletiu o teor interdisciplinar que a toponímia proporciona, pois ao conhecer as motivações toponímicas dos nomes estudados revelam-se os valores linguísticos, os costumes e as crenças próprias da comunidade, tornando-se, muitas vezes, fonte da memória de um povo, cuja língua pode ter sido silenciada pelo tempo.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro. **Dicionário tupi (antigo) – português**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1987.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 4. ed. – São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. **O problema das taxionomias toponímicas. Uma contribuição metodológica**. In: Separata da Revista de Letras. São Paulo, USP, 1975, p. 373-380.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990a.

_____. **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. 2. ed. São Paulo, FFLCHH/USP, 1990b.

FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Nova Edição. 1913.

GREGÓRIO, Irmão José. **Contribuição Indígena ao Brasil**. III vol. Belo Horizonte – MG: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes. 2ª ed. Revista Ampliada. São Paulo. 1973

ISQUERDO, A. N. A Motivação na toponímia: algumas reflexões. In: SELLA, A. F., CORBARI, C. C; BIDARRA, J. (ORGS.). **Pesquisas sobre Léxico: Reflexões Teóricas e Aplicação**. Campinas: Pontes Editores, 2012. pp. 81-95.

MENDES, G. A. **Ananindeua dos trilhos ao asfalto**. Edição do Autor, Ananindeua, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 95-124.

SILVA, J. R. da. **Denominações Indígenas na Toponímia Carioca**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Brasileira, 1966.

Recebido em 20/5/2019. Aceito 26/6/2019.

Sobre autores e contato:

Karla Juliana da Silva Oliveira - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Linha de Pesquisa Leitura e tradução Cultural, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Bragança/PA.

E-mail: karlaoliveirame2017@gmail.com

Carmen Lúcia Reis Rodrigues - Professora de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA)/ Campus de Castanhal e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA), UFPA/ Campus de Bragança.

E-mail: rodriguescarmen2016@gmail.com